

1958 n.º 17 → jan. fev.
Letras Fluminense Niterói E. do Rio

POESIA DO MUNDO

POESIA

ALEMÃ

(MODERNA)

Karl Krolow

A PORTA ABERTA

Conserva a porta aberta:
posso fechá-la atrás de mim
para abraçar-te, dar-te a minha voz,
e, acender no olhar
a paz da face.

Uma brisa inesperada
apagará a luz do quarto,
mas a treva não usará o seu poder
e não haverá o naufrágio
em que os corpos candentes
se afogam.

Conserva a porta aberta:
terei partido, antes que
uma vela adormecida se aperceba
e, silenciosamente, comece a brilhar.

A TRILHA

Um raio de luar, descendo
num fio de arame, coordena a noite
e a escuridão suspensa
onde ninguém mais vigia:

— semelhante a alguém que, sozinho,
joga uma partida de xadrez
ou se embriaga de "Eau d'or"
e de casaco amarelo, chapéu na nuca,
trauteia para o vento uma balada.

— semelhante a alguém, que cochichando,
mete a mão nas latadas de frutas negras,
ou passeia seus dedos úmidos
pelo sono das pedras e dos animais.

— semelhante a alguém, que faz caretas
no escuro, para a própria solidão,
e que risca com o giz do seu pressentimento,
o longo muro caído de luar...

Ilustração de Luiz Jaime

Ingeborg Bachmann

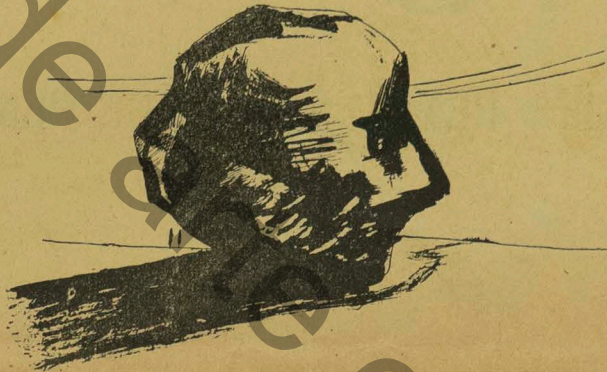
NORTE E SUL

*Demasiado tarde atingimos o jardim dos exilados
através de um sonho do qual nenhum estranho soube.
Julguei sentir-me a neve no ramo da oliveira,
a chuva, o gelo sobre a nua amendoeira...*

*Pode a palmeira — dize-me — suportar a noite
se do seu fino corpo lhe arrebatam
as amorosas trepadeiras dos caramanchões?*

*Dói-me pensar que a sua fôlha
deva acostumar-se à chuva e ao vento
quando nos agasalhamos
contra as mesmas intempéries.*

*De tal sorte a chuva te transfigurou
que fechaste o meu leque quando nos tocamos:
o tempo escapou de tua mão
quando me afastei com o bando de aves migradoras.*



NA APÚLIA

Sob as oliveiras,
a luz derrama as suas sementes.
A papoula surge cambaleando
e sugando o azeite incendeia-se
com uma luz que jamais pode apagar-se.

Tambores nas cidades das cavernas
rufam seus apêlos: pão branco, lábios prêtos,
crianças dormindo em manjedouras,
eis o que deseja o enxame de môscas
para o seu pasto cotidiano.

Se a claridade dos campos
raiasse na terra dos trogloditas,
a papoula exalaria fumo no bojo das lâmpadas.
a dor, consumida no sono exgotaria a sua chama.
Burros se ergueriam, transportando
mangueiras d'água pelos vales;
rêdes seriam tecidas pelas mãos cegas das mulheres
vidro e pérolas disputariam a posse das paredes,
as portas se vestiriam com sonora indumentária.

As madonas amamentariam as crianças
e o búfalo dispararia — o chifre cheio de fumaça
na direção do bebedouro verde.

A variedade dos presentes desafiaria os paladares:
sangue de cordeiro, peixe, e ovos de cobra.
As pedras moeriam os pomares
e os vasos de barro se assariam no fogo
O azeite jorraria de olhos abertos
e a papoula embriagada sucumbiria,
violentada pelos olhos das tarântulas.

TRADUÇÃO DE SILÉSIO NASCIMENTO

E

IGNEZ TELTCEER

Wolfdietrich Schnürre

NOTURNO

Sempre a esta hora
as Parcas regem os seus gerânios.

Da casa dos Pluenner
sobe e desce o rumor de um piano:
Edite e Chopin se desentendem...

Um cacho negro da testa do mestre
repousa no medalhão da Condessa Sofia,
que neste instante desce de um táxi.

E' noite: o padeiro extenuado,
move os artelhos nos tamancos.
Adiante, chega o massagista (só para cavalheiro)
voltando para casa com as crianças...

Sempre a esta hora
as Parcas regem os seus gerânios.

RECOLHENDO O ARRASTÃO

Tecido feito de cantos de sabiá:
aí dentro, escamosas,
gorjeiam as barbatanas do sol,
do celeste tubarão que se embriaga
no sangue do coração dos gansos selvagens.

Manhã cedo, gotejando espanto,
derramam sobre a terra fôfa
o enxame de saltos prateados;
em redor, na beirada da rêde,
dançam rôlhas, amestrando
as cotovias irrequietas.

Dai a pouco — já amanhã — também nós
repousaremos afogados no poço do verão.

